

PITAYA

# UMA MORTE TÃO DOCE

*Kayla Cottingham*



UMA  
MORTE  
TÃO DOCE

UMA  
MORTE  
TÃO DOCE  
*Kayla Cottingham*

Tradução  
Sofia Soter

**PITAYA**

RIO DE JANEIRO, 2024

Copyright © 2023 by Kayla Cottingham. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © 2024 by Sofia Soter por Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados.

Título original: *This Delicious Death*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

COPIDESQUE Laura Pohl  
REVISÃO Angélica Andrade e Lui Navarro  
DESIGN DE CAPA Amanda Miranda  
ADAPTAÇÃO DE CAPA Beatriz Cardeal  
DIAGRAMAÇÃO Abreu's System  
PRODUÇÃO DE EBOOK S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cottingham, Kayla

Uma morte tão doce / Kayla Cottingham; tradução Sofia Soter. – Rio de Janeiro: Pitaya, 2024.

Título original: *This delicious death*.

ISBN 978-65-83175-05-2

1. Ficção – Literatura juvenil 2. Lésbicas – Ficção 3. Terror – Ficção 4. Zumbis I. Título.

24-230179

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Bibliotecária responsável: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

Este livro possui descrições de canibalismo e outros tipos de violência. Para os leitores mais sensíveis recomendamos cautela.

Editora Pitaya é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora Ltda. Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A – Centro,  
Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030  
[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

***Para Ally, Alex, e Simone:***

*não sei se acredito em destino, mas, se houver uma força maior mexendo as peças,  
agradeço muito por ter nos reunido.*

*E por garantir que nosso auge não tenha sido na adolescência.*



## *Sumário*

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Epílogo

Agradecimentos



*um*

*Ainda sou um monstro  
Se te faço cafuné?  
E te dou um beijo de boa-noite?  
Amor, aqui não dá mais pé.*

— “Monstro”, *No Flash Photography*

Quando meus pais me perguntaram se eu queria um Mini Cooper de presente de formatura, não cheguei a calcular se o porta-malas teria espaço suficiente para meu cooler cheio de órgãos.

Sem contar o cooler que levava a água com gás, mas isso era menos importante.

— Não dá para empilhar os dois? — sugeriu minha melhor amiga, Celeste, apontando o porta-malas com a afiada unha de acrílico cor-de-rosa. — Ou abaixar o banco de trás?

Eu a encarei com a sobranceira levantada. Celeste Fairbanks era branca e magra, tinha o cabelo pintado de rosa e pernas compridas que pareciam quilométricas. Ela era uns bons quinze centímetros mais alta do que eu, uma diferença acentuada pelo fato de estar usando um salto plataforma

branco. Combinava bem com a salopete cor-de-rosa estampada com corações e a sombra perolada — duas compras recentes que fizera com a renda cada vez maior que recebia como influencer.

Só mesmo Celeste, aquela monstrelha, para estar bonita assim antes das oito da manhã.

— São altos demais para empilhar — argumentei, cruzando os braços. — E, a não ser que você queira ir com a Valeria no colo até o festival, precisamos de todo o espaço do banco de trás.

Celeste murmurou em concordância, com uma careta. Estávamos paradas na frente da casa dos Fairbanks, nos preparando para nossa primeiríssima viagem de carro para o Desert Bloom, um festival de música no deserto-Mojave, a poucas horas dali. A casa era um bangalô modesto e quadrado, adornado por um jardim verdejante de plantas do deserto. Painéis solares reluziam no telhado, diferente da maioria dos imóveis em Aspen Flats, cujos moradores eram egoístas demais para considerar energia sustentável, apesar das provas recentes das consequências de ignorar esse problema.

— Vocês vão ter que juntar tudo — disse Wendy, mãe de Celeste.

Ela era quase trinta centímetros mais baixa do que a filha, mas compensava com sapatos de salto alto de oncinha. Mesmo morando na Califórnia havia décadas, ainda carregava o sotaque pronunciado de Nova Jersey em toda sílaba.

— Vê se cabe tudo no cooler maior — sugeriu ela —, que eu guardo o outro em casa.

Celeste suspirou.

— Acho meio... errado botar as bebidas no cooler da carne.

— O *cooler da carne* — repeti em voz baixa, segurando um sorriso.

A boca de Celeste tremeu por um momento antes de ela finalmente cair na gargalhada.

Isso imediatamente me fez rir também, com um guincho deselegante que provocou ainda mais gargalhadas em Celeste. Ver ela se dobrar para recuperar o fôlego só piorou a situação. Empurrei o ombro dela de brincadeira e ela deu um tapa na minha mão, tentando disfarçar o riso.

— Tá bom, tá bom — cortou Wendy, abrindo o cooler da água com gás.  
— Me ajudem a juntar isso aqui. Vocês estão desperdiçando o dia, e não quero que dirijam no escuro. É a hora em que aparecem todos os tarados.

Celeste e eu resmungamos, apesar de ainda estarmos sorrindo, e nos abaixamos para tirar os órgãos embrulhados em plástico do cooler menor. Nós nos revezamos para jogá-los no que antes estava só com bebidas. Vinham todos etiquetados com o selo de TECIDO SINTÉTICO LABORATORIAL, APENAS PARA CONSUMO HUMANO — provavelmente para impedir que alguém tentasse fazer um transplante de órgãos caseiro. Os pacotes caíam em cima do gelo com um leve ruído.

— Meu bem, tem certeza de que não quer levar mais fígados? — perguntou Wendy para a filha. — Você sabe que comprei um monte no atacado naquela promoção...

— *Mãe* — repreendeu Celeste —, está tudo bem, sério.

— Tá, tá bom, já entendi. Minha filhinha já está crescida e não precisa mais que a mãe dê ordens o dia inteiro — falou Wendy, e se aproximou de mim, quase acertando minha cara com os cachos loiros. — Mas fica a oferta se você quiser mais um pouco, Zoey. É só pedir.

Abri um sorriso, mostrando os dentes.

— Obrigada, Wendy.

Wendy era uma das poucas pessoas que conseguia me fazer sorrir com sinceridade. Desde que eu e Celeste ficamos amigas, no ensino fundamental, ela foi quase uma segunda mãe para mim. Era sempre a primeira a me oferecer abrigo, ou um ombro amigo se eu precisasse. Em todo mês de junho, ela levava Celeste e eu até Los Angeles para a Parada do Orgulho, e era sempre quem mais gritava, levantando bandeiras trans e bi em homenagem à filha. Não era a mãe perfeita, mas chegava perto disso.

Depois de alguns minutos, nós três conseguimos encaixar todos os pacotes de SynCarn no outro cooler, que coube no porta-malas sem muita dificuldade. Fechei o bagageiro e suspirei, já sentindo a transpiração no

pescoço apesar de o sol mal ter nascido. Rezei para não estar com manchas de suor debaixo do braço.

— Mais uma coisa antes de vocês irem — disse Wendy, dando um passo para trás. Ela tirou o celular do bolso e tocou a tela. — Quero tirar fotos.

— Foi você quem *acabou* de falar que estamos desperdiçando o dia — apontou Celeste.

— Para vocês pararem de enrolar! Isso aqui só vai levar um segundo — insistiu Wendy, e Celeste fechou a cara. — É a primeira viagem de carro sozinhas! Para seu primeiro festival de música! Vão querer ver as fotos quando tiverem a minha idade, já falei. Agora se juntem aí e façam uma cara bonitinha, porque vou botar no Facebook para a vovó ver.

Celeste suspirou e balançou a cabeça, mas não parou de sorrir. Nós duas nos aproximamos, e eu fiz o sinal da paz e me esforcei para não apertar demais os olhos ao sorrir. Celeste me abraçou e colou o rosto o meu. O calor da pele dela queimou contra a minha.

Meu coração deu um pulo e minha barriga se embrulhou inteira.

— Digam *verão das gostosas!*

— De jeito nenhum — retrucou Celeste, rindo, enquanto eu repetia a frase de Wendy, com a voz fraquejando.

— Lindas! — Wendy sorriu para a tela, antes de nos mostrar o celular. — Vocês ficaram ótimas.

Se por *ótima* ela queria dizer tensa e suada, então eu tinha ficado mesmo. Meus olhos cor de mel estavam arregalados, meu rosto pálido, corado, e meu cabelo castanho, na altura do queixo, tinha grudado em um ângulo esquisito na testa molhada de suor. Eu estava sorrindo, mais ou menos, de um jeito torto e forçado. Enquanto isso, a expressão de Celeste era doce, e seu cabelo caía em cima de um ombro formando ondas suaves. Eu parecia uma fã dela, posando em um *meet and greet* extremamente constrangedor.

Celeste segurou o riso.

— A vovó vai adorar.

— Você vai fazer o maior sucesso na casa de repouso, sem dúvida — elogiou Wendy, e guardou o celular no bolso. — Bom, é melhor vocês irem.

Juízo, tá? E cuidem uma da outra.

— Sempre cuidamos — disse Celeste, alegre.

A mãe dela subiu na ponta dos pés e beijou o rosto de Celeste, antes de se virar para mim e me puxar para um abraço.

— Amo vocês, meninas.

— Também te amo — falamos ao mesmo tempo.

— Tá, agora podem ir, antes que eu comece a chorar — disse Wendy, fungando. — Boa viagem.

Celeste e eu nos despedimos antes de entrar no carro e partir, nos afastando de Wendy, que acenava pelo retrovisor.



O sol de meados de junho assolava o teto do Mini Cooper enquanto atravessávamos a cidade para buscar Valeria e Jasmine, as duas outras integrantes do nosso grupo de amigas da escola. Antes do Esvaziamento, Valeria e Jasmine eram infinitamente mais populares na escola do que eu e Celeste, e só nos cruzávamos porque Aspen Flats era uma cidadezinha minúscula onde todo mundo se conhecia. Antes do Esvaziamento, Valeria era líder de torcida dos Cascavéis de Aspen Flats, e Jasmine já estava fazendo matérias a nível universitário, além de jogar no time de softbol feminino. Enquanto isso, eu e Celeste passamos a maior parte da vida escolar escondidas almoçando na sala da professora de inglês do primeiro ano, e a maior parte do tempo trocando TikToks e fanfics. Se não fosse pelo Esvaziamento, Jasmine e Valeria provavelmente nunca teriam nem olhado para nós.

Quando chegamos à casa de Valeria, estacionei o carro e deu para ouvir o cooler sacudindo no porta-malas. Eu nitidamente não tinha fechado bem a tampa ao pegar um coração de SynCarn para comer no caminho.

Dezoito meses antes, SynCarn — uma substância fabricada a partir de células-tronco humanas, utilizadas para a bioimpressão de grandes organóides, semelhantes, mas não idênticos, a órgãos humanos naturais —

foi considerada a maior invenção do século XXI pela revista *Time*. Fazia sentido, visto que acabou sendo a única solução da humanidade para enfrentar o Esvaziamento, que foi considerado o maior desastre do século XXI por, bem, literalmente o mundo inteiro.

O pior é que o Esvaziamento meio que foi nossa culpa. *Meio* é a palavra principal, porque o patógeno que deixou as pessoas Vazias surgiu do derretimento do pergelissolo, e todo mundo sabe que a culpa principal disso é das grandes corporações e das forças armadas, que escolheram refogar a Terra em gases tóxicos em nome do lucro. Porém, vinha sempre aquele pensamento: *Talvez aquele copo de café que eu joguei no lixo comum em vez de no lixo reciclável tenha sido a gota d'água e praticamente nos levou a um apocalipse zumbi dois anos atrás.*

O som de alguém batendo na janela me arrancou do devaneio. Lá fora, Valeria Vega esperava, acenando, com um sorriso imenso e um vestido amarelo de verão. Valeria era latina, tinha a pele de tom quente bronzeada e cachos castanhos volumosos, que estavam presos para afastar do rosto.

— Bom dia! — cantarolou ela, entrando no banco de trás. Apontou para o próprio rosto, murchando um pouco o sorriso. — Zoey, tem sangue no seu queixo.

— Sério? Ah, merda — falei, esfregando com a mão. — Foi mal.

— Ela comeu um coração de SynCarn com as próprias mãos no caminho pra cá — disse Celeste do banco do carona, e se virou para transmitir melhor sua opinião para Valeria. — Um caminhoneiro viu e quase derrapou.

Valeria recuou, chocada.

— Enquanto *dirigia*, Z?

— Que foi? Eu acordei atrasada e ainda não tinha comido. As pessoas normais vivem fazendo isso.

Atrás de Valeria, notei outra silhueta se aproximando da casa vizinha e acenei pela janela. Quando ela chegou perto o suficiente, acrescentei:

— Você entende, né, Jaz? Se pessoas comuns podem comer um sanduíche no caminho do trabalho, eu posso lanchar um SynCarn.

— Assim... poder você pode. Até uma criancinha no carro do lado te ver desencaixar a mandíbula que nem uma anaconda para engolir um coração cru de uma vez — disse Jasmine Owusu, de braços cruzados.

Ela era negra de pele retinta, com o porte musculoso, mas gracioso. Recentemente, tinha feito trancinhas compridas, com fios lilás misturados nos cachos. Usava um short jeans rasgado e uma camiseta bicolor com as palavras SOFTBOL ESCOLAR DE ASPEN FLATS estampadas no peito.

Quando entrou no banco de trás, olhou para Celeste e levantou a sobrancelha.

— E você, estava fazendo o que quando isso aconteceu?

— Estava sentada no banco do carona, tentando aparentar normalidade, para os vizinhos não correrem atrás da gente com tochas e foices — resmungou Celeste, massageando as têmporas. — Como sempre.

Jasmine segurou o riso e Valeria suspirou, revirando os olhos.

Pouco depois, quando todas já tinham prendido o cinto de segurança, a tradicional briga pelo rádio começou e acabou com Valeria dizendo carinhosamente que tínhamos um péssimo gosto musical. Ela roubou o cabo, conectou o celular e botou para tocar a música de uma banda desconhecida de indie pop que se apresentaria no festival.

Abaixei as janelas quando pegamos a estrada para sair de Aspen Flats, deixando entrar o sol e a brisa que sacudia nosso cabelo. A música saía com força da caixa de som, o baixo vibrando como um batimento cardíaco. Coloquei os óculos escuros, enquanto Valeria cantava junto da música, Jasmine balançava de um lado para o outro e Celeste mantinha o ritmo com o pé. Uma sensação agradável e efervescente percorreu meu corpo, como se meu sangue tivesse virado refrigerante. Minha pele estava quente, e meu rosto, corado.

Depois daqueles últimos dois anos, a gente merecia se sentir bem.



Celeste pegou o volante logo depois de Bakersfield, e eu cochilei no banco do carona.

Uma hora estava olhando o mato de beira de estrada, e na outra estava cercada por sequoias. De repente, tinha voltado a ter 15 anos, de joelhos ralados e cabelo castanho-escuro — que eu tinha cortado sozinha pela primeira vez — caindo em linha reta na altura do queixo. No silêncio da mata, minha barriga roncou como a de um animal faminto. As árvores ao meu redor eram imensas e silenciosas, e não havia nem um sussurro de brisa ou canto de pássaro.

— Celeste! — gritei pelo que parecia a milésima vez, e apertei a barriga com a mão quando as pontadas de fome voltaram, ameaçando me derrubar. — Cadê você?!

Quebrei um galho com o pé, e o estalido me fez dar um pulo. Eu já estava a quase dois quilômetros do Acampamento Everwood, a colônia de férias que eu e Celeste frequentávamos juntas havia quatro anos, no interior do norte da Califórnia. Era para termos passado o verão praticando atividades ao ar livre, dormindo tarde na barraca e nos divertindo juntas.

Em vez disso, metade dos campistas e dos monitores pegou uma gastroenterite esquisita. Alguns deles, que tinham levado celulares escondidos, espalharam boatos de que uma doença estranha estava afetando gente *no mundo todo*. Porém, de modo geral, as pessoas tinham voltado ao normal e ficaram saudáveis depois de três dias de cama.

Só que eu e Celeste não estávamos melhorando, e ela tinha sumido no meio da mata.

O peso dos meus pés, que eu arrastava pela grama, de repente me pareceu insuportável, como se tivessem enchido meus sapatos de cimento. Parei e me recostei em uma árvore para tentar recuperar o fôlego, com mais um gemido de dor. Eu tinha passado dias tentando comer sem sucesso, e vomitando tudo que conseguia engolir. O que eu não contara para ninguém era que a bile que voltava era preta e viscosa, igual petróleo.

Quando esbarrei em outra árvore, senti uma coisa molhada.

Com cuidado, me afastei, e vi sangue e terra sujando meu braço. Dei um gritinho, supondo imediatamente que tinha me cortado. Porém, ao tatear a pele em busca do machucado, notei que o sangue não era meu.

O sangue já estava na árvore.

— Celeste! — gritei ainda mais alto, com o coração a mil, porque, se ela estivesse machucada, eu precisava encontrá-la. — *Celeste!*

Foi então que ouvi um suspiro baixo à esquerda. Com um calafrio, me virei. O cheiro me alcançou antes de eu ver de onde vinha: o odor grudento e metálico do sangue impregnando o ar.

Escondido entre as samambaias estava o cadáver de um homem, o queixo escancarado em um grito paralisado. Uma poça de sangue encharcava a terra e o musgo ao seu redor, além de manchar a bermuda cáqui rasgada e a camiseta do acampamento. O sangue escorria do peito, que estava aberto com um corte fundo, revelando as entranhas moles e rosadas.

Eu o reconheci: Devin Han, um dos monitores.

Também reconheci a silhueta debruçada em cima dele, lambendo os dedos.

— Celeste? — sussurrei.

Quando ela se virou para mim, precisei de todas as forças para não ofegar. O rosto dela estava coberto de sangue, e os dentes, alongados e afiados. Lágrimas cortavam o sangue, que pingava do queixo e molhava as mãos. Ela segurava... *alguma coisa*. As unhas, que na época eram normalmente curtas e sujas, tinham se curvado em garras letais.

Ela soltou um soluço, trêmula.

— Eu... eu não sei o que aconteceu comigo, Zo.

Eu mal a escutei em meio ao som do sangue vibrando nos meus ouvidos, conforme o cheiro de carnificina ficava mais forte. Minha barriga rosou, e eu senti alguma coisa espetar minha língua. Comecei a tremer, com a visão escurecendo aos poucos.

Pulei em cima do cadáver.

Antes que o sonho progredisse mais, alguém sacudiu meu ombro. A voz de Valeria atravessou meu cérebro adormecido.

— Zoey, acorda. A gente chegou no hotel.

Eu me levantei com um sobressalto, atordoada ao retomar a visão. Estava no Mini Cooper, e Celeste, Valeria e Jasmine todas me fitavam, de sobrancelhas franzidas. Alisei o cabelo com pressa e me endireitei, sacudindo a cabeça.

— Foi mal — murmurei. — Peguei no sono.

— Pesadelo? — perguntou Celeste.

Assenti.

— Também vivo tendo pesadelos — comentou Val, estremeando. — Tipo, sonho sempre que a Patricia da AEA V me liga para dizer que meu pedido para ir de Aspen Flats a Desert Bloom foi negado e que vou passar o verão toda presa lá. É um horror.

— Até parece que a Patricia presta atenção o suficiente para se importar com as permissões adequadas para sair da cidade — zombou Jasmine. — Vai saber, talvez a versão da Associação Emergencial de Preparo para Vazios dos seus sonhos tenha financiamento governamental suficiente para monitorar a gente de verdade, em vez de passar o dia vendo Netflix no escritório.

— É — concordei. — Foi, *hum*, bem isso meu pesadelo. O horror do desperdício dos nossos impostos.

Jasmine e Val pareceram se acalmar. Compreensivas, saíram do carro para fazer o check-in na recepção. Celeste, porém, franziu a testa com uma expressão de pena.

— Acampamento Everwood? — adivinhou.

Concordei com a cabeça.

Ela mordeu o lábio.

— É. Também sonho com isso. Mas olha — falou, apontando o hotel com a cabeça —, tem jeito melhor de se distrair do que beber a vodca que eu roubei da minha mãe na beira da piscina?

Abri um sorriso.

— Você é uma visionária, Fairbanks. Obrigada.

*O Esvaziamento acabou, lembrei. E você está bem.*

Abri a porta e saí para acompanhar minhas amigas, fazendo o possível para empurrar a lembrança de volta ao fundo da memória, onde era seu lugar.



*dois*

*Se você ou alguém de sua família foi afetado pelo Esvaziamento, lembre-se de incluir seu nome no Registro Nacional de Vazios dos Estados Unidos. O registro garantirá a entrega de proteína nutricional adequada ao seu lar, fornecida por um de nossos distribuidores parceiros. Você também receberá um link para baixar o aplicativo VidaVazia, que permite que representantes regionais da AEAV estejam cientes de sua localização e onde é possível registrar seu consumo semanal de SynCarn.*

*Qualquer pessoa Vazia que for encontrada sem o devido registro está sujeita a detenção e reclusão.*

*Lembre-se: a segurança da comunidade é responsabilidade de todos.*

*– Alerta da Associação Emergencial de Auxílio  
aos Vazios (AEA V)*

*o* check-in do hotel foi tranquilo, então não demorou para que eu e Celeste arrastássemos o cooler de carne até o quarto. Val vinha desfilando ao meu lado, cantarolando uma das músicas que tocara no carro, e Jasmine pesquisava restaurantes próximos que tivessem opções com

SynCarn. Depois de subir as escadas com uma dificuldade muito desagradável, Celeste e eu largamos o cooler no chão do quarto, sem fôlego. Val soltou um gritinho e correu até uma das camas *queen-size*.

— Ai, que legal! — gritou, se largando em cima da pilha de travesseiros e abrindo os braços. — Nunca fiquei no meu próprio quarto de hotel.

Deixei minha mala escorregar do ombro até cair no chão ao lado do cooler e analisei o quarto. O carpete tinha um tom sujo de amarelo-mostarda, e as camas eram cobertas por edredons floridos que pareciam ter sido fabricados nos anos 1970. Ainda assim, cheirava a produto de limpeza refrescante, e as janelas tinham uma bela vista da piscina, além do deserto do outro lado, salpicado de árvores de clima árido, então eu não tinha do que reclamar.

— Você devia ter entrado no time de softbol — disse Jasmine para Val, largando no canto do quarto a mala de rodinhas coberta de adesivos dos movimentos negro, feminista e lésbico. — A gente vivia se hospedando em hotéis. Cada vez tinha um drama gay diferente.

— Por mais divertido que pareça dormir junto de todas as sapatas do time de softbol de Aspen Flats, eu me recuso a fazer atividades que envolvem suar — disse Val, virando-se de bruços e olhando para mim e para Celeste. — Vocês vão dividir a cama?

Celeste e eu nos entreolhamos. Ao ver sua sobrancelha levemente arqueada, algo se agitou no fundo da minha barriga, e eu rapidamente engoli o sentimento.

— Posso pedir uma cama de armar na recepção — sugeri.

— Por quê? — perguntou Celeste, inclinando a cabeça e me fitando por baixo dos cílios compridos e escuros. — A gente dorme juntas na mesma cama desde criança em todas as festas do pijama.

Meu escroto coraçãozinho gay deu um salto mortal.

O problema é que ela estava certa. Não era para ser estranho, porque por muito tempo não fora. Eu perdera a conta de quantas vezes a gente já tinha dormido na mesma cama, em festas do pijama, acampando, ou simplesmente depois de passar o dia todo juntas fazendo o dever de casa. Não era especial nem digno de nota.

Até algumas semanas antes, quando meu horrível cérebro animal decidiu que a pessoa mais atraente do planeta era sem dúvida minha melhor amiga.

Abri a boca para me explicar, mas Jasmine interrompeu:

— Talvez seja o jeito de Zoey finalmente admitir que ela chuta *e* ronca.

Comecei a revirar os olhos, até perceber que Jaz talvez tivesse me providenciado uma saída.

— *Hum...* é. Foi mal, Celeste. Não quero te acordar.

Ela bufou.

— Pode até tentar, mas eu não acordo nem com alarme de incêndio.

Eu me forcei a examinar as cortinas do outro lado do quarto, o coração acelerado. Senti o rosto arder, o que indicava que minhas amigas certamente veriam. Apesar de ter passado a vida inteira no sul da Califórnia, eu era tão pálida que não dava para disfarçar nem o mínimo rubor. Suor brotou na minha testa.

— *Hum.* — Tentei engolir a saliva, mas minha garganta estava seca. — Tá. Se você tem certeza...

Val se levantou da cama em um pulo e declarou:

— Resolvido. Eu e Jaz nesta, Zoey e Celeste na outra. Agora, podemos, *por favor*, comprar comida e descer para a piscina? Estamos de férias, temos que aproveitar!

— Tem uma lanchonete a menos de dois quilômetros daqui que entrega comida e tem opções com SynCarn — informou Jasmine.

Os ombros de Celeste caíram.

— Tem um cooler cheio de SynCarn *bem aqui*.

— E vocês duas foram muito fortes e competentes em carregar esse trambolho escada acima — elogiou Val —, mas eu odeio SynCarn frio.

Celeste se largou no que aparentemente era *nossa* cama e soltou um suspiro profundo, com os cílios tremendo e o cabelo caindo em ondas rosadas ao redor do rosto.

Eu engoli em seco.

*Meu Deus, estou ferrada.*



Por mais que eu odiasse admitir, Val estava certa: carne fria nem se comparava ao preparo quente.

Comi um bife quente de SynCarn sentada no chão de pernas cruzadas, com os dentes se alongando em presas afiadas ao morder a comida. Usei a outra mão para abrir o app VidaVazia e registrar o jantar — Patricia, a nossa representante da Associação Emergencial para Auxílio de Vazios em Aspen Flats, responsável por nos monitorar, certamente adoraria a milésima foto de carne sintética que provava que eu e minhas amigas não estávamos matando gente inocente por aí para nos alimentar. Era um porre marcar todas as refeições, mas eu entendia que era a condição que o governo estabelecera para deixar pessoas Vazias terem uma vida normal. Era um pouco invasivo, sim, ser monitorada, e também precisar pedir para sair de Aspen Flats, mas preferia isso à alternativa, que seria manter carniçais em instituições carcerárias, como acontecera no começo do Esvaziamento.

Enquanto isso, Val deu a desculpa de que ia buscar alguma coisa no carro, e levou o bife de SynCarn em um isopor. Ninguém falou nada — Val nunca comia com a gente. A gente sabia que era porque ela odiava que a vissem na forma carniçal, então não tinha motivo para se preocupar, desde que ela continuasse se alimentando.

Quando voltou do carro depois do jantar, ela já estava usando biquíni. Nós tivemos que correr para nos juntar a ela, que liderou a marcha em direção à piscina do hotel. Celeste pegou a vodca que roubara de Wendy, e a viramos nas garrafas de refrigerante pela metade que compramos na máquina automática do corredor. Apesar de não podermos comer comida humana sólida sem passar mal, líquidos eram uma exceção — o que era ótimo, porque ainda nos permitia encher a cara nas férias.

Tomei um gole caprichado de Fanta com vodca e quase cuspi — *tá, talvez estivesse meio forte demais.*

A piscina estava vazia quando chegamos, para nossa alegria. A água era azul-clara, e ondulava de leve à luz baixa do entardecer. Val saiu correndo e

se jogou na piscina como uma bola de canhão, enquanto Jasmine ajeitava as tranças em um coque alto antes de entrar no ofurô. Celeste foi atrás de Jasmine e, na tentativa de distrair meu coração acelerado, eu apertei o passo até a piscina e mergulhei.

A água estava fria a ponto de causar arrepios, e o cloro ardeu nos olhos quando os abri. Tudo debaixo d'água estava tingido de azul, e as bolhas que escapavam da minha boca cintilavam ao sol. Abri um sorriso travesso e bati as pernas na direção de Val, vestida em seu biquíni amarelo-vivo. Puxei o tornozelo dela e caí na gargalhada, soltando bolhas, quando ela gritou e se debateu.

Emergi, respirando fundo, bem quando ela gritou:

— Ai, meu Deus, sua filha da *puta!*

Ela jogou água na minha cara, e eu levantei os braços para me proteger, ainda gargalhando. Val mergulhou na minha direção para tentar me afundar, e eu dei impulso para nadar para longe. Ela continuou rindo e me xingando, nadando o mais rápido possível para me alcançar.

Antes de nos afastarmos muito da borda, uma voz grave atrás de nós nos interrompeu:

— Uau. Não esperava que uma garota que nem você tivesse uma boca suja dessas.

Val e eu congelamos. Afastei uma mecha de cabelo molhado da cara e vi um garoto de pé na beirada da piscina, com um sorriso torto. Ele era um cara magrelo e branco, com os braços e o peito cobertos por tatuagens em preto e cinza. O cabelo era pintado de preto e caía um pouco sobre os olhos. Eu chutaria que ele tinha uns 20 e poucos anos.

Inclinei a cabeça e franzi a testa.

— Podemos ajudar?

— Desculpa, não quis me meter, só achei engraçado — explicou ele, sorrindo ainda mais. — Meu nome é Eli, aliás.

— Não liga pra Zoey... Prazer, eu me chamo Val.

Val fez contato visual com ele, enquanto eu pensava como podia chamar a atenção dela e suplicar em silêncio para ela mandar o garoto ir catar

coquinho. Notei o levíssimo rubor nas maçãs do rosto dela, e quase reclamei em voz alta.

Val nunca gostava de caras legais, sempre ia para uns babacas como aquele que acabara de aparecer.

De trás de Eli, vieram correndo três outros garotos, que mergulharam na piscina com elegância variada. Levantei a mão para me proteger dos respingos, de cara fechada. Dois deles imediatamente começaram a tentar se afundar, e outro foi boiar de costas.

*É claro que estão em um grupo.*

— E aí, o que traz vocês a um hotel perdido desses? — perguntou Eli, sentando-se na beira da piscina.

A atenção dele era tão dirigida a Val que senti como se tivesse desenvolvido o poder da invisibilidade.

— Vim com minhas amigas para o Desert Bloom — respondeu ela, e um leve sorriso começou a aquecer seu rosto. — Desculpa, isso é meio estranho, mas você parece... meio familiar. Eu te conheço de algum lugar?

Eli levantou as sobrancelhas.

— Conhece a No Flash Photography?

De repente, o rosto de Val se iluminou como se Eli tivesse admitido que lustrava as estrelas com a própria mão e cuspe todas as noites, pessoalmente.

— *Não acredito! Você é o Eli McKinley?!* — exclamou ela, batendo as mãos. — Ai, meu Deus, *eu amo você!*

— Esse é especial, hein? — disse Jasmine, saindo do ofurô, com a pele ainda soltando vapor e uma toalha amarrada na cintura. — Normalmente, ela demora mais para dizer “eu amo você”. Tipo, uma semana, por aí.

— Jaz, fala sério! É o Eli McKinley! Ele é o vocalista de uma das minhas bandas preferidas que vai tocar no Desert Bloom! E ele compôs algumas músicas que são, tipo, liricamente *lindas...*

— Tá bom, tá bom, relaxa — dispensou Jasmine, e estendeu a mão para Eli. — Jasmine, prazer.

— Prazer — respondeu Eli, apertando a mão dela. Ele indicou a piscina, onde os outros garotos tinham parado de brincar de se afogar e estavam

rindo de alguma coisa. — Esses são meus amigos da banda, Kaiden, Raj e Cole. Acho que vocês já sabem que vamos tocar no Desert Bloom.

Os caras acenaram. Tinham menos tatuagens, e pareciam mais novos, mais perto da nossa idade. Um deles, um ruivo de olhos verdes e sardas — talvez fosse o Cole — me estendeu a mão.

— Oi — falou. — Prazer.

Encarei a mão dele como se fosse um peixe morto boiando na piscina.

— Essa é a Zoey — declarou Val, apoiando as mãos nos meus ombros. — Foi mal, ela é tímida.

— Não sou, não — retruquei. — Só não gosto de ser abordada por caras aleatórios.

— Não curte músicos? — perguntou o que-talvez-fose-Cole.

Sinceramente, ele até era bonitinho, daquele jeito meio desganhado e bagunçado, mas isso não me impediu de olhar para ele com irritação.

— Não curto o que tá rolando aqui — falei, dando impulso para boiar até a escada e sair da piscina. — Vou pro ofurô.

Cole piscou algumas vezes, parecendo surpreso, e afundou a mão na água devagar. Val nem hesitou e nadou até a beirada da piscina para continuar o papo com Eli. Jasmine deu de ombros, compreensiva, quando eu passei por ela.

Encontrei Celeste mexendo no celular no ofurô. Ela estava escolhendo o filtro para uma selfie que tinha acabado de tirar, mostrando o biquíni com minissaia e estampado de cerejas, para postar no Instagram. Apesar do calor e do vapor, a maquiagem dela não tinha derretido — provavelmente era resultado de algum fixador caro, ou quem sabe de um pacto faustiano. *Vai saber.*

Desci os degraus e me sentei na frente dela, de braços cruzados.

Ela ergueu as sobrancelhas, e eu expliquei:

— Val encontrou uns garotos.

— Reparei. — Ela apontou para eles com o polegar. — Não quer conversar com os meninos?

Torci o nariz.

— Ué? Por que eu ia querer isso?

Celeste deu de ombros.

— Porque você está solteira, é verão, e eles provavelmente estão interessados? Você sabe até ser bonitinha quando se esforça.

Eu dei uma gargalhada incrédula.

— Ah, é? Você também está solteira, por que não vai falar com eles?

— Fala sério. Hoje em dia, é preciso muito esforço para eu me interessar por homens. E esses daí não fazem nem um pouco o meu tipo.

Isso fez meu coração bater mais rápido, mesmo que não tivesse nenhuma conexão entre Celeste dizer que não estava interessada naqueles caras e o seu hipotético interesse em mim. Celeste normalmente não era de falar de paixões ou de namoro; que eu soubesse, as únicas pessoas com quem ela ficara na escola eram meninas.

Peguei a Fanta com vodca da beira do ofurô e estendi para Celeste.

— Um brinde a isso.

Um sorrisinho surgiu no rosto dela quando brindou com o Sprite.

— Saúde. Quer apostar quanto tempo leva pra Val arrastar os garotos para cá e obrigar a gente a bater papo com eles?

— Dez minutos — falei.

— Aposto vinte. Quem perder vira a garrafa?

— Combinado.



Celeste, como sempre, estava certa, mas quase valeu a pena, só para ver a reação dos caras da No Flash Photography quando entraram no ofurô e eu imediatamente comecei a beber refrigerante como se minha vida dependesse disso.

Val se sentou no colo de Eli enquanto Jasmine se aninhava perto de mim, provavelmente para evitar o olhar desejoso de um dos caras, um garoto indiano com um topete de altura impressionante e piercing de ouro no

septo. Raj, supus. Ele com certeza não tinha percebido que Jasmine era decididamente lésbica.

— Essa é minha amiga Celeste — apresentou Val. — Foi ela quem arranjou nossos ingressos para o festival. Ela posta tutoriais de maquiagem no TikTok e no YouTube, e ganha vários mimos de influencer.

Celeste corou.

— Não é para tanto.

— Fala sério... você merece — disse Eli, ainda de olho em Celeste e abraçado na cintura de Val; fazia menos de uma hora que o grupinho tinha aparecido, e eles já estavam sentados como se namorassem havia anos. — Gente como a gente tem que se esforçar pela fama. Não cai no nosso colo sem motivo.

Talvez fosse minha imaginação, mas parecia até que o olho de Celeste estava tremendo.

— Gente como a gente?

Eli se aproximou, com ar de conspiração.

— Gente *de fora*, sabe? Não esse pessoal falso de Hollywood. Gente de *verdade*, com problemas *de verdade*.

Celeste segurou uma risada.

— Ah, claro. É verdade... Aposto que eu e você passamos por dificuldades muito parecidas.

Val soltou um suspiro e Jasmine escondeu o riso com o refrigerante batizado. Naturalmente, Eli nem reparou.

— Por exemplo — continuou ele, sem se deixar abalar —, pensa nos últimos dois anos. Desde o Esvaziamento, arte é a última coisa na qual as pessoas pensam. É carniçal para cá, carniçal para lá. Será que carniçais podem frequentar eventos grandes sem aprovação da AEAV? Foi boa ideia parar de mandar SynCarn para os carniçais pelo correio, e começar a vender como se fosse carne normal no mercado? A coisa não para. Como vamos encontrar o nosso nicho, se todo mundo está morrendo de medo de sair para um passeio e ser dilacerado por um vizinho com dentes afiados?

Ficamos quietas. *Carniçal* era um termo meio pejorativo para pessoas Vazias, e, apesar de ser assim que a gente se chamasse em geral, definitivamente não soava do mesmo jeito vindo da boca de Eli.

Celeste perguntou, de modo casual:

— Não é fã de pessoas Vazias?

Os outros caras da banda desviaram o olhar de uma vez, sem encarar Eli, nem nenhuma de nós. Cole cochichou alguma coisa com Kaiden — outro cara branco de cabelo escuro, que tinha fumado *vape* sem parar desde que chegara —, que assentiu, e Raj de repente pareceu interessado em alguma coisa do outro lado da piscina. Se eles tivessem uma opinião sobre o que Eli acabara de falar, fosse contra ou a favor, não queriam demonstrar. Enquanto isso, Eli balançou a cabeça e alisou o cabelo molhado com os dedos finos.

— Não, olha só, eu entendo. Ninguém escolheu virar carniçal. Mas, escuta... o Esvaziamento *acabou* com a música por praticamente um ano inteiro! Cancelaram as turnês, ninguém mais comprava camisetas e produtos de bandas, a indústria toda estava desmoronando. E agora fingem que voltou tudo ao normal, como se não tivesse carniçal pra tudo quanto é lado. Quem sabe por quanto tempo vão suportar SynCarn, né? E se um dia eles decidirem que não é mais suficiente? Ou se tiver alguma mutação no vírus Vazio, e ainda mais gente virar carniçal? Aí a gente vai se ferrar.

Pela primeira vez, Kaiden decidiu apoiar o *vape* na beira da piscina e opinar.

— Todo mundo aqui se lembra do Esvaziamento. Não é possível que vocês olhem para aqueles monstros e achem que eles têm que poder andar por aí que nem todo mundo. A gente nunca devia ter tirado eles das jaulas onde ficaram no começo do Esvaziamento.

A pele de Val ficou pálida e cerosa, e Jasmine inflou as narinas. Jaz olhou com irritação para Kaiden, de soslaio, enquanto examinava as unhas. Até Celeste, a mais tranquila entre nós, tinha retorcido a boca.

Porém, nada se comparava à força com que eu rangi os dentes e cerrei os punhos, até as unhas arranharem a pele. Arranharem *mesmo*, especialmente quando pensei em como seria fácil pular nele e rasgar aquele pescoço.

*Caramba, que babacas. Aposto que iam ter um gosto delicioso junto dessa Fanta com vodca.*

Uma gota de sangue desceu pela minha palma.

*Ah... merda.*

— Esses aí adoram um papo leve no ofurô — disse Raj, com sotaque inglês e um sorriso ineficiente para aliviar a tensão. — Meninas, me desculpem. Nitidamente vocês são apenas um pouco mais legais em relação a essas coisas todas do que esses escrotos aqui. Que tal a gente abrir umas latinhas de White Claw e falar de um assunto menos... mórbido?

Eu me levantei, sentindo algo afiado espetar a língua. Com dificuldade de falar por causa dos dentes, murmurei:

— Não, valeu. Vou voltar para o quarto.

Val estendeu a mão para mim.

— Zo...

— Não é minha praia — murmurei baixinho, e saí do ofurô para pegar a chave e a toalha na espreguiçadeira.

Continuei andando apesar do chamado das minhas amigas, com o rosto quente e corado. Assim que sumi de vista, corri até o quarto. Enfiei o cartão na fechadura acima da maçaneta e empurrei a porta com o ombro. Com o coração a mil, entrei no banheiro e bati a porta. Agarrei a beirada da pia e tentei recuperar o fôlego.

No espelho, vi meus olhos cor de mel, vermelhos de sangue, com mais vermelho ao redor da íris, e olheiras escuras embaixo. Todas as veias ao redor dos olhos tinham ficado pretas, destacando-se na minha pele pálida. Meus dentes tinham ficado mais afiados, duas fileiras de presas compridas e cortantes, e minha boca, roxa e ressecada. Minhas unhas, que estavam mais para garras violentas, estalaram contra a pia enquanto eu me apoiava nela. Os ossos da mandíbula ficaram flexíveis, prontos para se desencaixar. Atrás dos dentes, minha língua tinha o tom azul necrosado.

Bem quando minha visão começou a se avermelhar, uma batida na porta me assustou.

— Zoey? — chamou Celeste. — Tudo bem?

Fechei a boca rápido e fiz o possível para afastar a ideia de enfiar os dentes no pescoço de Eli. Eu me embrulhei em uma toalha branca e felpuda e abri a porta.

Celeste estava na porta, e água do ofurô ainda escorria por suas pernas. Ao me ver, ela ficou boquiaberta.

— Agora entendi porque você fugiu.

Senti o rosto esquentar enquanto Celeste me encarava. Ela já me vira assim várias vezes — inclusive quando literalmente devoramos o monitor do acampamento juntas —, mas mesmo assim não consegui conter o impulso de olhar para o chão. Fazia muito tempo que eu não perdia o controle dessa forma.

— Foi mal. Dei uma surtada lá.

— Ei, tá tranquilo — disse ela, tocando meu braço de leve e apertando, o que fez meu coração bater mais rápido. — Não se preocupa. Eu também pensei nisso.

— Jura?

Celeste esticou a língua e indicou um cortezinho na ponta.

— Me espetei legal. Aqueles babacas teriam merecido.

Suspirei, rindo um pouco, e finalmente relaxei os ombros, que estavam grudados no pescoço de tanta tensão. Por mais que eu desejasse que tivéssemos conseguido evitar nos tornar Vazias, era bom ter uma melhor amiga que imediatamente *compreendesse* quando essas coisas aconteciam. Eu nunca temia ser julgada por ela.

— É que eu odeio esse tipo de cara — falei, ajeitando uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. — Como a Val ainda aguenta esse falatório?

— Ela tem mesmo um tipo — bufou Celeste, e se recostou na porta, de braços cruzados. — Aposto que essa coisa com o Eli logo passa. Tomara que seja antes do festival acabar.

— Que bom que pelo menos você ainda é otimista.

Celeste riu.

— Alguém tem que ser. Ah, mudando de assunto, quer dar uma olhada nos horários de amanhã do Desert Bloom e escolher que shows a gente vai

ver? A Val com certeza vai no show do No Flash Photography, mas eu estava de olho em outras opções.

— Quero, com certeza — falei, e puxei um pouco a toalha para cima. — Vou só me vestir.

Ela deu uma risada.

— Ah, você não quer deitar de biquíni molhado na nossa cama?

Meu cérebro quase entrou em curto-circuito ao pensar em deitar ali com ela, nós duas quase nuas. Provavelmente por isso que respondi rápido demais:

— Claro que não tenho interesse nisso.

Fiz uma careta quando o sorriso de Celeste murchou.

*Idiota, idiota, idiota.*

Ainda assim, ela conseguiu rir.

— Tranquilo, era brincadeira — falou, apontando o banheiro. — Vou tomar um banho enquanto você se troca. Quando estiver vestida, pode abrir a programação.

Depois que disse isso, ela passou por mim, entrou no banheiro e fechou a porta, me deixando do outro lado com o rosto vermelho que nem pimentão e o coração a mil.



## *três*

*Quando o Esvaziamento chegou a Aspen Flats, a cidade foi fechada.*

*As ruas ficaram desertas assim que começaram a circular as notícias de que uma doença estranha parecia assolar as grandes metrópoles. As pessoas trancaram as portas e isolaram as janelas com tábuas como se esperassem um furacão. O estoque do único mercadinho esgotou tão rápido que a maioria das pessoas sequer teve a oportunidade de comprar comida e remédios. Vizinhos que antes se cumprimentavam e sorriam todas as manhãs de repente se recusavam a se olhar, passando a chave nas portas pela primeira vez.*

*Com a família Vega não foi diferente. O pai de Valeria foi um dos poucos sortudos que conseguiram arranjar mantimentos suficientes para aguentarem por algumas semanas. Passavam dia e noite de cortinas fechadas, para disfarçar as tábuas nas janelas, e com a música ligada para abafar o som intermitente de tiros. A mãe de Val tinha proibido que ligassem a televisão, especialmente o noticiário.*

*Quando a avó de Val adoeceu, todos trataram o fato como uma simples virose.*

*— Mamá fez caldo de pollo, abuela — disse Val, deixando uma bandeja na mesinha de cabeceira da avó.*

*Ela estava doente havia quase três dias, sem conseguir comer nada, apesar da dedicação da família em preparar comidas leves e chás para amenizar a dor de*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma morte tão doce"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).